

“OLHA A ÁGUA”: UM OLHAR SOBRE SINAIS DE TRÂNSITO EM BELÉM

Maria Alice de Oliveira Xavier¹

Em Belém, na maioria dos sinais de trânsito que possuem fluxo de tráfego mais intenso, a presença humana vai além dos ocupantes dos veículos que passam nos cruzamentos ou dos pedestres que circulam nas calçadas e faixas exclusivas para seu uso. Diversos vendedores ocupam estes espaços, estabelecendo relações comerciais e sociais que refletem novos arranjos de ocupação econômica, especialmente estabelecidos a partir das poucas oportunidades formais de emprego e geração de renda, realidade que atinge principalmente os centros urbanos do país.

Em sua larga maioria homens jovens, eles ocupam os meio-fio das ruas e avenidas, como forma de organizar seus produtos, descansar nos intervalos em que os sinais abrem e se protegerem dos riscos da pista. Vendem majoritariamente água mineral, em copo de 300 ml ou garrafa de 500 ml, o primeiro sendo mais barato. Além disso, oferecem refrigerantes, sucos, biscoitos fritos, amendoins e frutas, produtos que podem interessar aos ocupantes dos veículos em função do grande período em que passam no trânsito, um comportamento comum na vida urbana e que impõe lacunas na alimentação e ingestão de água, necessidades que são atendidas a preços acessíveis por esses vendedores que acabam por prestar um serviço de grande utilidade a todos.

Os produtos, especialmente os líquidos, são transportados em quantidade menor dentro de baldes com gelo, a fim de facilitar o deslocamento no acesso aos veículos. Já a quantidade maior fica reservada em caixas de isopor localizadas nos meios-fios, de modo a garantir o resfriamento para oferecer aos clientes água e refrigerantes gelados. Os alimentos, por

¹ Graduada em Pedagogia (UNIFAP) e especialista em Gestão Pública (UFPA). Atualmente é mestranda em Antropologia com ênfase em Antropologia Social UFPA/2017. Suas áreas de interesse são: Etnologia, Educação indígena, Etnodesenvolvimento e Administração Pública.



não exigirem condicionamento especial, ficam nas mãos dos vendedores, penduradas em arames ou dentro de sacolas maiores.

Os vendedores vestem roupas comuns, normalmente bermudas e camisetas, algumas de mangas compridas, além de calçarem sandálias e usarem bonés. Este vestuário se explica em função de os vendedores estarem integralmente expostos ao sol, pois não possuem áreas cobertas nos meios-fios nem se deslocam para outras áreas que ofereceriam proteção, já que o ritmo de trabalho é intenso e acompanha os tempos do sinal de trânsito. Desta forma, quando o sinal está vermelho para os carros, os vendedores se deslocam entre os veículos em sentido contrário ao fluxo, oferecendo oralmente os produtos, com o jargão mais utilizado, o “olha a água”, repetido seguidamente, de modo a divulgar a sua presença para os potenciais clientes. Os produtos diversos também são oferecidos da mesma forma, porém a água se destaca pela quantidade maior de oferta presente. Quando o sinal fica verde para os veículos, os vendedores ocupam o meio-fio gramado, reorganizam seus estoques para venda e descansam da caminhada realizada entre os veículos.

Nos sinais mais movimentados há uma média aproximada de 15 vendedores, que ocupam o mesmo espaço comercial como concorrentes. Nos cruzamentos menores a quantidade de vendedores diminui, assim como pode haver a oferta de outros produtos, como acessórios para carro, outros gêneros alimentícios e até mesmo serviços, como a limpeza dos vidros.

Os vendedores estão presentes nos sinais durante todo o período útil do dia, do começo da manhã ao início da noite, durante toda a semana. Não há momentos sem a comercialização nesse período, o que sugere que não haja intervalos cronometrados a serem cumpridos. A exposição contínua (maciça) ao sol e aos outros eventos climáticos comuns de Belém sugere uma grande resistência física destes vendedores, que passam horas todos os dias expostos ao sol e às mudanças de temperatura causadas pelas chuvas cotidianas.

Nesse contexto é possível perceber uma convivência amistosa a partir das risadas e brincadeiras entre os vendedores, em contraste com as dificuldades do trabalho resultantes da insalubridade imposta pelo calor cotidiano e pelas chuvas diárias, além do desgaste da atividade, realizada integralmente em pé e em caminhadas intervalares.

O olhar sobre estes sinais destaca a presença destes vendedores nessa paisagem tipicamente urbana, que desvela as relações econômicas e sociais que esta ocupação produz na relação com este espaço de intenso tráfego humano e de veículos. Ainda que sejam invisibilizados por sua ocupação informal, reforçam todos os dias que ali estão, prestando um serviço à sociedade, buscando alternativas de subsistência e se fazendo ver e ouvir com seu “olha a água”, que, ainda que ignorem, todos reconhecem.

